



# XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

## TEXTOS FREIRÁTICOS, A REPRESENTAÇÃO DE INSUBORDINAÇÃO E DE UMA AUTONOMIA EXERCIDA

Michelle Amancio da Silva-UFCG

[amancio.michelle91@gmail.com](mailto:amancio.michelle91@gmail.com)

### RESUMO:

Através dos séculos as relações humanas sofreram as ações das doutrinações religiosas, este artigo busca discutir tais doutrinas e suas imposições na sociedade nos séculos XVII e XVIII em terras portuguesas, como também intenciona discorrer sobre atitudes tidas como transgressoras, já que contrariavam tais imposições. A partir de tal contexto discutirá as bases e argumentos que fomentavam essa imposição, por conseguinte discorre sobre a representação de insubordinação a essas imposições, por meio da análise de textos literários ineridos nos períodos citados. Ressalta – se que, por meio de tal análise verificou-se que a sacralidade objetivada não era alcançado devido atitudes de insurgência dos amantes, poetas e poetisas, em relação a essa ultima este presente artigo tentará expor e discutir sobre a posição de mulheres que desbravavam o campo que no decorrer da história lhe foi negado, o campo da escrita.

**Palavras - Chave:** Amor Freirático, Imposição, Insubordinação, Literatura.

### 1. INTRODUÇÃO

Os séculos XVII e XVIII foram marcados por forte religiosidade, vivia - se as perseguições morais e de valores, consequência da Contra Reforma, movimento religioso que teve início dado pela Igreja Católica em meados do século XVI. A sociedade da época impunham papéis sociais pautadas em doutrinações religiosas, e condenavam desvios de condutas, e embora fossem séculos posteriores ao Renascimento, idade de avanço científico e cultural, nota-se uma forte tendência à censura das relações e manifestações humanas, como a relações amorosas e sexuais.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Com o intuito de impor e reforçar o poder da Igreja, imposta pela pedagogia do medo, o poder eclesiástico condenava comportamentos que contrariava suas doutrinações e seus interesses, e enviava muitos insubordinados para seus cárceres e até mesmo para suas fogueiras.

Uma das imposições religiosas foi à repreensão ao sexo, o sexo foi rebaixado à função apenas de procriação, portanto o prazer sexual era condenado, as relações e atos sexuais que não fossem para procriação eram tidas como uma afronta a natureza, além da proibição da prática, existiu o mutismo sobre a temática sexual. Nesse contexto, era vista como subversiva as produções literárias que tivessem essa temática. Homens e mulheres casados eram os únicos que teoricamente poderiam manter relações sexuais, impondo assim o modelo da relação aceitável, entretanto mesmo permitidos de manterem relações, estas deveriam seguir as normas que a Igreja indicava.

E a mulher nesse contexto sócio - histórico? Quais eram suas obrigações? O que ela não poderia fazer? A sociedade embasada em doutrinações religiosas determinava as obrigações sociais da mulher e desvios destas eram considerados afronta a superioridade natural masculina, negando assim a elas direitos naturais como a satisfação sexual e direitos sociais como a produção literária.

Identifica - se entre essas delimitações e decisões a imposição do hábito conventual como forma de satisfazer interesses de terceiros ou como punição às atitudes consideradas imorais para mulheres. O hábito religioso podia ser uma destinação para filhas bastardas, mulheres demasiadamente românticas, intelectuais, ou às mulheres nascidas em famílias com muitas filhas, o que tornava desfavorável financeiramente o pagamento de dote de casamento para todas as filhas.

Contudo a submissão das mulheres, imposta por valores e convenções, não alcançavam com plenitude seus objetivos, já que as relações sexuais e amorosas que as freiras se envolviam eram bastante comuns em terras lusitanas nos séculos XVII e XVIII. Eram mulheres que não se encaixavam nos padrões da sociedade e por isso excluída, e possuíam o toque do proibido por causa da castidade exigida pelas normas religiosas, isso instigava ainda



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

mais os desejos de seus adoradores, que ganhavam o nome de freiráticos, amantes dedicados que desafiavam a ordem de proibição e mutismo sexual da época, e se aventuravam em romance às vezes platônicos, por vezes físicos, e que ganhavam forte representação na literatura. Os romances que envolviam freiras tornou-se tema para produções literárias da época, produções essas que desafiava o mutismo sobre sexo. Não somente a mulher foi musa dos textos literários, esse período de repressão apresenta na literatura autoras femininas, nomes importantes para literatura contrariando assim a negação do direito de escrever impostas sobre as mulheres.

Com base no que foi anteriormente exposto, intencionamos discorrer sobre as proibições sociais da época que tinham por base doutrinações religiosas, como também discutir os impositivos que recaiam sobre as mulheres nos séculos XVII e XVIII direcionando nossa discussão para terras portuguesas. Dentre as imposições daremos ênfase à imposição do hábito e da vida conventual infligido as mulheres para satisfazer interesses sociais e até financeiros de terceiros, por conseguinte analisaremos textos literários do contexto espaço-temporal citados para que possibilite a discussão acerca das transgressões que representavam esses textos, já que expunham assuntos proibidos na época.

### **2. RECLUSÃO RELIGIOSA IMPOSTA AO GÊNERO POR CONVENÇÕES SOCIAIS**

Durante séculos as mulheres sofreram com o estigma de inferioridade fomentado por discursos religiosos, que atribuía à mulher a expulsão do paraíso. Condenadas por um discurso misógino e irracional, as mulheres eram vistas nos séculos XVII e XVIII como um mal sobre a terra, com afirma Priore (2014, p.35) “entre os séculos XVII e XVIII, a Igreja identificava, nas mulheres, uma das formas do mal sobre a terra. [...] O corpo feminino era visto como impuro.”.

Essa doutrinação religiosa imperou por séculos, e alimentou discursos discriminatórios e opressivos em favor da objetificação da mulher, tornando - as passíveis de decisões de



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

terceiros, por julgarem as mesmas incapazes de discernimento, não somente negando as mesmas direitos sociais como também direitos naturais, a sexualidade, por exemplo, ratificasse isso com a afirmação de Priore (2014, p. 34):

Ser assexuado embora tivesse clitóris, à mulher só cabia uma função: ser mãe. [...] Venenosa e traiçoeira, a mulher era acusada pelo outro sexo de ter introduzido sobre a terra o pecado, a infelicidade e a morte. Eva cometera o pecado original ao comer o fruto proibido. O homem procurava um responsável pelo sofrimento, o fracasso, o desaparecimento do paraíso terrestre, e encontrou a mulher.

Elas tinham seus direitos usurpados pela condenação à heteronímia de sua vida, sobre as mulheres recaíam obrigações que não eram exigidas ao sexo oposto, como a castidade, fidelidade e a submissão. As mulheres eram condenadas pelo próprio nascimento, eram supostamente nascidas apenas para procriação.

Dentre as imposições de obrigações que as mulheres sofriam estava o ingresso na vida conventual, independentemente da vocação. Uma mulher poderia ser enviada para o convento por motivos diversos além do vocacional, quando seu comportamento não se encaixava nos padrões e interesses da sociedade patriarcal ou escandalizava os valores morais previamente e cuidadosamente ditados, nesse tocante Miranda (2014, p. 8) afirma que:

A vocação religiosa não era um dos motivos mais importantes para se mandar uma mulher para um convento em Portugal e no Brasil, nos séculos XVII e XVIII. A rebeldia, a sensualidade, o interesse intelectual, uma personalidade excessivamente romântica e apaixonada, um corpo demasiado atraente faziam com que se encerrassem moças nas celas úmidas dos mosteiros. Os homens mandavam para lá suas bastadas, suas amantes; também as filhas que perdiam a virgindade, as estupradas, as que se apaixonavam por um homem de condição financeira inferior ou má reputação.

Definida as obrigações e as punições para os desvios, cabia à família vigiar nas mulheres atitudes vistas como subversivas, e como forma de remediar situações ditas imorais ou impróprias ao sexo feminino, o enclausuramento foi uma saída que famílias abastadas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

financeiramente encontraram uma forma de manter a honra da família em vista de um mau passo dado por mulheres, as escondendo dos olhares da sociedade, nesse contexto a família torna-se o regulador, uma instituição determinante de punições e até opressiva para as mulheres como expõe Godinho (1989, p. 221) apud Cruz (2013, p. 26).

O sistema familiar é a instituição da sociedade de classes que determina e mantém o caráter específico da opressão das mulheres. É uma das instituições fundamentais na manutenção da sociedade dividida em classes. Embora tenha se modificado ao longo da história, a família tem tido um papel decisivo.

Em vista do que já foi dito, é importante frisar que não somente atitudes tidas como imorais eram condenadas ao enclaustramento, mas também o número de filhas em uma mesma família era fator determinante, como pagar o dote de tantas filhas? Não era impossível, mas desfavorável economicamente, uma filha freira era mais vantajoso financeiramente que uma filha noiva, Riolando Azzi afirma que os conventos representavam “uma saída honrosa para as filhas não casáveis, bastando para isso um dote bem menor do que para o casamento”. (AZZI e EZENDE 1983, p. 29).

Contudo a imposição do hábito não culminou na sacralidade objetivada, a vida longe da vigilância familiar facilitava encontros furtivos, permitia uma liberdade de amores que o convívio com os parentes impossibilitava como diz Miranda (1998, p. 9), “Privadas da presença dos homens, floresciam em sonhos românticos e fantasias sexuais.”.

As freiras enclausuradas por conversões encontravam também entre as paredes do convento possibilidade de expressão, refúgio das imposições de valores que a vida fora dos conventos exigia, liberdade antes negada, como a produção literária, vista como inútil e subversiva para uma mulher, já que essa não era necessária para exercer os papéis sociais femininos da época, o de esposa, mãe, filha, etc.

Portanto o enclaustramento que deveria coibir, serviu como inspiração, contrariando o mutismo da época, e as proibições impostas sobre as relações e manifestações humanas daquele contexto, possibilitando também a produção literária feita por mulheres, às enclausuradas desafiaram convecções proibitivas e demonstraram sua capacidade literária.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

### III. TEXTOS FREIRÁTICOS, A REPRESENTAÇÃO DE INSUBORDINAÇÃO E DE UMA AUTONOMIA EXERCIDA

A sacralidade exacerbada que exigia as convenções do século XVII e XVIII não impedia as manifestações amorosas e eróticas. O claustro religioso não conseguia conter as manifestações das paixões silenciosas, pelo contrário instigava o corpo que teoricamente estava impossibilitado de ceder, aos desejos devido ao enclausuramento das celas do convento. As portas trancadas poderiam até conter o físico, mas a imaginação via-se atormentada por pensamentos sexuais e arroubos amorosos, as incursões amorosas encontraram nos conventos maior liberdade que entre o convívio em família, as freiras eram cobiçadas e adoradas pelos ditos freiráticos<sup>1</sup>, que corriam os riscos de perseguição e condenação da Inquisição<sup>2</sup> em nome de sua paixão e desejos, nem mesmo o rei D. João V, monarca de Portugal entre os anos de 1706 a 1750, ficou imune aos encantos das enclausuradas, como expõe Dantas (s/d, p.73-76):

Foi o século XVII que o inventou; foi no tempo de D. João V que êle floresceu. [...] Mas se dir - se há! Quantas vezes o pecado violou, nos séculos XVII e XVIII, os muros dos conventos ! Quantas portarias se abriram, furtivamente, para deixar passar o manto negro de Sua Alteza o Amor! Em quantos catres humildes de franciscana desfolhou a virgindade a sua corôa de rosas.

Observamos então que a possibilidade de encontro entre os amantes era possível, contrariando assim o poder e imposições de condutas colocadas pela Igreja .

O amor proibido socialmente, que deveria ser repellido pelo habito conventual instigava os desejos e inspirava poemas. Em delírios amorosos os amantes escreviam ao ser amado juras de amores, obras carregadas de passionalidade e exagero, tais obras literárias eram conhecidas como textos de amor freirático, sendo mais comum as poesias, e possuíam em sua essência um toque de insurgência por contrariar as doutrinações da época, como expõe Miranda (1998, p.13):

---

<sup>1</sup> Aquele que frequenta conventos de freiras, ou simpatiza com os conventos. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 941.

<sup>2</sup> Antigo tribunal eclesiástico, também conhecido por Santo Ofício, instituído para punir os crimes contra a fé católica.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Dentro o caráter escarninho e maldizente da tradição portuguesa, surgiu a poesia de amor freirático, ora satírica, ora lírica, mas sempre passional, em cuja liturgia afrodisíaca a obscenidade desempenhava uma função mágica, assim como de desmistificação e profanação da santidade. [...] Essa poesia tinha, também, um caráter político, pois atacava um ponto vulnerável do poder monárquico, sustentado pela autoridade da igreja inquisitorial;

O mutismo imposto sobre o sexo instigou os literatos, a repressão encontrada nos séculos XVII e XVIII encontrou nos conventos inspiração, nas freiras suas musas. As enclausuradas e os amores freiráticos tornaram-se temas de várias obras, dentre muitos observamos um soneto de autoria de Antonio Barbosa Bacelar (apud MIRANDA, 2014, p.23-24)

### Soneto

A freira é sanguessuga chupadora,  
vário camaleão na cor incerto,  
que toma a cor da cor que está mais perto;  
só dá cor da vergonha se não cora.

Igual ave em gaiola enganadora,  
que as néscia aves tarz ao laço incerto,  
pescadora sagaz, que dá, aberto,  
o anzol com a minhoca enganadora:

Comisero amante, aranha triste,  
Que o laço em que se enforca urdir pretende,  
Tântalo que não bebe e na água assiste;  
Sirgo que a sepultura a si fabrica,  
abelha que o ferrão pregar intende,



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

morre só por picar, morre se pica.

Ressaltamos que se a Igreja proibiu falar sobre o tema, o sexo na literatura encontra espaço para produção, as poesias satíricas de cunho sexual dessa época representam que se o ato sexual por imposição religiosa deveria ser um ato apenas para procriação, o mesmo foi usado para satisfação sexual e como tema de poesia erótica, logo o mutismo exigido, foi contrariado.

É importante enfatizar que dentre as produções literárias que envolvia a vida conventual, destacou – se os poemas satíricos de forte apelo sexual, como pode-se ser observado no trecho de um poema do poeta português Gregório de Matos (apud MIRANDA, 2014, p.70).

Diz, que um Xisgaravis<sup>3</sup> deitara à luz  
Morgado de um presbítero montês,  
Cara frisona<sup>4</sup>, garras de irlandês  
Com boca de cagueiro de alcatruz<sup>5</sup>.

O poema acima foi destinado a uma freira que incomodou - se com uma sátira que o poeta fez ao Padre Damaso da Silva, defendendo as qualidades do clérigo, freira essa que já havia engravidado e tido um filho do eclesiástico, portanto demonstra que a coibição das enclausuradas não teve seu objetivo alcançado, ou seja, a castidade não foi exercida.

Se apenas a procriação é aceita, o uso de termos tido como indecentes era pecaminoso e imoral, embora proibido pelos padrões da época, observamos na produção satírica o uso recorrente de termos sexuais e até chulos, como nota-se nesse trecho de um poema de Gregório de Matos (apud MIRANDA, 2014, p.62), conhecido por Boca do Inferno, alcunha adquirida por sua habilidade com os poemas satíricos, como podemos identificar nesse poema:

Se contra vós algum delito fiz,  
Que do vosso favor fora me traz,

---

<sup>3</sup> Pessoa intrometida.

<sup>4</sup> Cara de holandês, da Frísia, antiga província da Holanda; ou cara de cavalo

<sup>5</sup> Cagueiro, em linguagem chula, é anus. Alcatruz é vaso de barro, de formato geralmente cilíndrico; caçamba.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Vós não podeis ser parte, e mais um juiz.

Não queirais dar contundo a trasbarrás<sup>6</sup>,  
Nem vos façais de mim xarrisbarris<sup>7</sup>,  
Que me armeis por diante, e por detrás.

Em séculos de repressão, não era estranho o sexo ser proibido, mais um “Tabu”. Com o sexo voltado para a procriação, os que contrariavam essa ideia eram uma afronta as doutrinas existentes, falar dele era desnecessário, pecaminoso e condenável. Sexo para satisfação ou como tema para poema era considerado impróprio, portanto falar sobre sexo, demonstrar a sexualidade existente ganha ares de rebeldia contra o sistema imposto. Nesta perspectiva Foucault (1988, p. 12), afirma que “se o sexo é reprimido, isto é, fadado à proibição, à inexistência e ao mutismo, o simples fato de falar dele e sua repressão possui como que um ar de transgressão deliberada.”

E as mulheres em meio a esse contexto de repressão literária? Elas eram limitadas ao patamar de musas? A sociedade e suas convenções viam como impróprio uma mulher escritora, porém longe da repressão familiar e entre paredes dos conventos, elas encontravam terreno propício para tal ato, como afirma Miranda (1998, p.9) “[...] distanciadas da companhia dos pais opressores, desfrutavam de liberdade intelectual”.

A produção literária de freiras ganhou destaque, que ultrapassou a barreira do tempo, as freiras entre as paredes dos conventos escreviam obras carregadas de passionalidade como podemos ver abaixo com os poemas de Soror<sup>8</sup> Maria Do Céu apud Miranda (2014, p.95)

Cidra, ciúme

É ciúmes a Cidra,  
E indo a dizer ciúmes disse Hidra,  
Que o ciúme é serpente,  
Que espedaça a seu louco padecente,  
Dá-lhe um cento de amor o apelido,  
Que o ciúme é amor, mas mal sofrido,  
Vê-se cheia de espinhos e amarela,  
Que piques e desvelos vão por ela,  
Já do forno no lume,

<sup>6</sup> Trocadilho sugestivo de sodomia, tapar por detrás

<sup>7</sup> Trocadilho sugestivo de ato sexual pela frente; barris no sentido de barriga.

<sup>8</sup> Tratamento que se dá às freiras.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Cidra que foi zelo, se não foi ciúme,  
Troquem, pois, os amantes e haja poucos,  
Pelo zelo de Deus, ciúmes loucos.

Destacamos entre a produção, as epistolas de Soror Mariana Alcoforado, que a princípio foi publicada anonimamente em 1969, na França com o título de *Lettres Portugaises traduites en français*, no mesmo ano foi atribuído a Missivista<sup>9</sup> Mariana Alcoforado a autoria das cartas, traduzida para o português e nomeadas como Cartas de Amor. O conjunto de cinco cartas demonstra uma confissão amorosa ao amado, portanto representação da sacralidade imposta, mas não exercida, as obras apresentam em suas linhas uma qualidade literária estética inquestionável como podemos observar em um trecho da terceira carta de Mariana Alcoforado apud Moises (s/d p. 184e 186):

Pois tu não sabes como és desgraçado e falho de delicadeza, por não saber aproveitar doutra maneira os meus transportes? E pode ser que com tamanho amor, eu não pudesse te fazer feliz inteiramente?! Lastimo, por amor de ti apenas, os prazeres infinitos que perdeste. [...]  
Contra mim própria me enfureço, ao refletir em tudo que te sacrifiquei. Perdi a reputação; expus-me ao furor dos meus; as leis severas da minha terra contra as religiosas, e a tua ingratidão, que me parece ainda a maior das graças. [...] e tenho um prazer fatal em ter ariscado por ti minha vida e minha honra.

Nota-se que a linguagem usada nas cartas pela freira aproxima-se muito do discurso amoroso masculino comum na época, transformando-se assim o objeto de desejo em sujeito desejoso. Ao analisarmos as epístolas notamos que se antes a mulher era a inspiração e o tema dos textos passionais, nas cartas notamos uma inversão, embora sofressem com os arroubos das paixões era incomum que as mulheres expusessem através de textos seus pensamentos e sentimentos, como podemos confirmar através da afirmação de Maussad Moisés (s/d, p .187):

[...] a terceira contem, o ápice da paixão entre a religiosa portuguesa e oficial gaulês. Nela, impressiona o modo franco e desembaraçado como a missivista confessa os descontraídos sentimentos que a avassalam. A linguagem, pôsto que em tradução, denota alguém tomado por desnorteantes apelos amorosos: raramente a literatura

---

<sup>9</sup> Pessoa que leva missivas. 2 Quem escreve missivas



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

registra caso igual de uma mulher desnudar sua alma tão completamente ao homem amado” (s/d, p.187)

A produção literária que envolvia autoria das religiosas nesse período ia além das epístolas de cartase de Mariana, intituladas Cartas de Amor. Destaca-se nesse período a poetisa Soror Violante do Céu que viveu durante o século XVII, sua obra é indiscutivelmente dotada de qualidade literária estética de tal forma que a mesma é caracterizada como expoente máximo do Barroco<sup>10</sup> português.

Soror Violante do Céu foi intitulada pelos meios culturais da sua época como Décima Musa e Fénix dos Engenhos Lusitanos, a poetisa cultivou em suas obras a vertente conceptista do Barroco, vertente essa que se voltava essencialmente para a construção mental e no apuro da subtileza, portanto exibindo um estilo muito mais intelectualizado do que o admitiria o discurso sentimentalista. Sua produção pode ser considerada profana e ardente, com o uso de imagens sutis, de força lírica, como podemos observar neste soneto de autoria de Soror Violante do céu:

### AO AMADO AUSENTE

Se apartada do corpo a doce vida,  
Domina em seu lugar a dura morte,  
De que nasce tardar-me tanto a morte,  
Se ausente d'alma estou, que me dá vida?

Não quero sem Sylvano já ter vida,  
Pois tudo sem Sylvano é vida morte;  
Já que se foi Sylvano venha a morte,  
Perca-se por Sylvano a minha vida.

Ah, suspirando ausente, se esta morte  
Não te obriga a querer vir dar-me vida,  
Como não me vem dar-me a mesma morte?

Mas se n'alma consiste a própria vida,  
Bem sei que se me tarda tanto a morte,  
Que é porque sinto a morte de tal vida.

Observamos, que se o direito de expressão por meio da literatura foi negado, a poetisa

---

2 Estilo artístico, literário e musical, bem como modo de pensar filosófico, religioso e político que predominou na Europa e na América Latina na segunda metade do século XVII e se caracterizou pela ornamentação caprichosa, improvisação e uso de efeitos contrastantes na música e pela complexidade da forma, bizzarria, bombasticidade e muitas vezes ambiguidade calculada na literatura.



## **XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES**

Soror Violante do Céu mostra-se como uma representação da autonomia exercida, contrariando as doutrinações e valores sociais impostos pelo contexto social.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As convenções bem que tentaram impor o hábito e suas obrigações religiosas durante os séculos XVII e XVIII, as proibições existiram, eram séculos opressores e as convenções punitivas, a sacralidade ao gênero feminino foi exigido, e a elas foram negados direitos. O contexto social anteriormente exposto combatia o profano, porém notamos atos transgressores, tanto na imposição do sexo voltado unicamente para procriação, quanto nas limitações opressoras sobre as mulheres, é impossível negar que a opressão existiu e que ela condenou e puniu muitos, expomos apenas que o proibido foi contrariado. Que um ambiente que deveria ser símbolo de submissão e obediência, devido ao contexto em que ingressaram tantas enclausuradas, inspiraram o desenvolvimento da liberdade intelectual, amorosa e sexual. E que as paredes dos conventos inspiraram também as enclausuradas, um terreno que propiciou uma autonomia que fora negada as mulheres, direitos usurpados pela sociedade machista que encontravam nas doutrinas religiosas fundamentação para suas teorias que objetificavam a mulheres. Assim sendo as poesias freiráticas apresentam uma representação dessa autonomia, tanto as obras dos amantes freiráticos, como também a produção literária das enclausuradas.

### **REFERÊNCIAS**

AZZI, Riolando. **A Vida Religiosa no Brasil: enfoques históricos**. São Paulo: Paulinas, 1983.

CRUZ, Maria Isabel da. **A mulher na Igreja e na política**. 1ª ed. São Paulo: Outras expressões, 2013.

DANTAS, Júlio. **O Amor em Portugal no século XVIII**. 3ª ed. Lisboa: Sociedade editora Portugal – Brasil.



## XI COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADES

DEL PRIORE, Mary. Da Colônia ao Império. In: **Histórias íntimas**. 2ª ed. São Paulo: Planeta, 2014, p. 11-53.

Dicionário da Língua Portuguesa. Porto: Porto Editora. Disponível em:<  
<http://michaelis.uol.com.br/>>. Acesso em abril de 2015.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

FOUCAULT, Michel. Nós Vitorianos. In: **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988, p. 09-18.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Portuguesa através dos textos**. 2º ed. São Paulo: Cultrix,

MIRANDA, Ana. **Que seja em segredo: escritos da devassidão nos conventos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII**. Porto Alegre: L&PM, 2014.

Do Céu . Soror Violante Amante Ausente. In: GRUNEWALD. José Lino (Org) **Grandes sonetos da nossa língua**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GODINHO, T; VINTERUIL, F; OLIVARES, R. **Marxismo e feminismo. Cadernos Democracia socialista**. São Paulo: Aparte, 1989.